

Crise leva FHDF a

161
Sem matéria-prima, indústrias atrasam

operar no limite

medicamentos e material hospitalar

A crise na indústria farmacêutica e na de material hospitalar, que não dispõe de matéria-prima, está obrigando a Fundação Hospitalar a operar com seus estoques nos limites de segurança, já tendo ocorrido falta de determinados itens. Os fornecedores estão fazendo as entregas com prazos mínimos de 30 dias, obrigando a FHDF a remanejar o material nos 56 estabelecimentos que prestam assistência ao público.

A Secretaria de Saúde procura amenizar o problema, afirmado que não há crise no âmbito da Fundação e que todos os esforços vêm sendo feitos para atender as necessidades a tempo. A estratégia da FHDF é contratar grandes partidas de material e negociar com os fornecedores a entrega parcial antecipadamente. Os setores de manutenção dos hospitais estão sendo também afetados, pela falta de material. Para atender a campanha de vacinação contra o sarampo, a FHDF teve de lançar mão de seringas estoquadas para uso nos hospitais. Já houve reposição de parte do material usado.

CRISE

O diretor do Núcleo de Farmácia da FHDF, Silvio Geraldo Silveira Filho, diz que tanto a indústria de medicamentos quanto a de material hospitalar vêm encontrando dificuldades para abastecer os hospitais. Isso, segundo ele, não afeta a rede hospitalar, que tem estoque suficiente. Geraldo Silveira lembrou que o problema enfrentado pelos fabricantes de antibióticos já foi superado. Havia falta de vidros e frascos para embalar os medicamentos. Segundo ele, o laboratório Merck, principal fornecedor, já superou a crise. A FHDF opera com 350 itens de medicamentos e os prazos de entrega costumam ser de 30 a 60 dias após a remessa do empenho aos fornecedores.

O diretor do Departamento de Compras, Osvaldo Aranha, a princípio, nega que também esteja ocorrendo crise. "Se ela existe", diz, "não afeta a FHDF". O que acontece é que está havendo uma oscilação no mercado no que se refere às compras.

A FHDF colocou no mercado pedidos de medicamentos e material hospitalar em grandes quantidades, para estocá-los nos três andares de seu almoxarifado localizado no Setor de Indústrias e Abastecimento, assim como em outro, que mantém juntamente com a Ceme, no Setor Hospitalar Sul. As encomendas são feitas de duas a três vezes por ano.

Segundo Osvaldo Aranha, as indústrias alegam falta de embalagens para fazer as entregas. A FHDF está tendo que se adaptar às necessidades dos fornecedores. Entre os itens que já chegaram a faltar nos hospitais estão ataduras e algodão ortopédico, cujo fornecedor queria um prazo até outubro para a entrega. A FHDF conseguiu antecipar metade do pedido e diz ter contornado o problema criado com a falta de material. Outro item ameaçado de colapso são as seringas descartáveis. Há empenho em aberto, mas os quatro fornecedores alegam dificuldades para a entrega.

A FHDF teve que se valer de representantes que tinham estoques a fim de atender à campanha de vacinação iniciada semana passada. Foi preciso lançar mão de 300 mil unidades do material que era destinado à rede hospitalar. As seringas estão sendo repostas, devendo chegar a 80 mil hoje. A necessidade deste item, para atendimento durante seis meses, é de 1 milhão e 400 mil unidades.

A aquisição de material de construção para reparos nos hospitais também está sendo problemática. O diretor de Compras diz que abriu oito processos para aquisição de 12 mil lâmpadas, das quais só conseguiu 800 até agora. Há compras programadas com validade até 27 de fevereiro do ano que vem. Embora as licitações tenham sido feitas em junho último, até agora poucos fornecedores iniciaram o atendimento.

LIMITES

A Fundação programa como estoque mínimo 30 por cento de suas necessidades e como margem de segurança 15 por cento. Segundo Osvaldo Aranha, são esses os limites com que vem operando, estando incluídos na programação os medicamentos de maior consumo. Ele diz que os limites são seguros e capazes de atender a redes hospitalares.

No Hospital Regional do Gama, onde surgiram reclamações de pacientes de falta de medicamentos e material hospitalar, o vice-diretor a or, Ivan Lisboa, disse que a situação é normal. O que ocorre são faltas ocasionais, corrigidas no dia seguinte. Funcionários do HRG dizem que o fato de os serviços de manutenção serem centralizados prejudica o estabelecimento que tiver queda repentina em seus estoques em virtude de uma maior demanda. A FHDF abastece 14 hospitais, contando os do Plano Piloto e das cidades-satélites, 27 centros e 15 postos de saúde.